

APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA MEDIADA POR UMA JORNADA GEOGRÁFICA LITORÂNEA

LEARNING AND TEACHING GEOGRAPHY MEASURED BY A GEOGRAPHIC DAY

APRENDER Y ENSEÑAR GEOGRAFIA MEDIADA POR UNA JORNADA GEOGRÁFICA LITORAL

Alexandre Vítor de Lima Fonsêca

Professor Doutor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - Pinheiro/MA.
alexandre.fonseca@ufma.br

Karen Sheron Bezerra Fonsêca

Professora Doutora de Geografia do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) - Campus Timon.
sheronksbf@yahoo.com.br

Kenneth Sebastian Bezerra Fonsêca

Especialista do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) - Campus Maracanã.
kenneth@ifma.edu.br

RESUMO: O presente artigo reflete sobre a prática de ensino e o uso de uma trilha, denominada Jornada Geográfica Litorânea, como recurso didático voltado ao ensino - aprendizagem de Geografia. O objetivo geral é resgatar a importância de se andar pelas praias, igarapés, mangues, caminhos, ruas, vielas, becos e avenidas das cidades litorâneas, percebendo-se as paisagens e discutindo-se com os discentes os itinerários trilhados no seu dia a dia como, por exemplo, o percurso casa-escola-casa, casa-igarapé-casa ou ainda casa-praia-casa, entre outros percursos, com trajetos pré-determinados e cartografados anteriormente. Para tanto, utiliza-se como metodologia o estudo do meio onde se busca discutir as trilhas como recurso didático em função de sua importância para o estudo geográfico, a partir do espaço vivido, e para a compreensão da realidade do ambiente fora da sala de aula, o que aguça a curiosidade em indagar os porquês dos fatos estudados, além de estimular a articulação entre teoria e prática em um processo dialético permanente, enfatizando os elementos da paisagem como procedimentos metodológicos e explorando os dados obtidos em campo através das linguagens gráfica, fotográfica, cartográfica e textual. Com os resultados alcançados, intenciona-se, sistematizar as linguagens e utiliza-la em sala de aula durante o ano letivo, com o intuito de valorizar a identidade cultural do educando associada ao lugar, por meio da percepção dos elementos da paisagem natural e humanizada, identificadas na interface continente/oceano.

PALAVRAS-CHAVE: Recurso didático. Trilhas. Linguagens. Ensino. Geografia.

ABSTRACT: This article reflect on the practice of teaching and the use of a track called Geographical Coastal Day, as a pedagogical resource to teaching and learning Geography. The main objective is to restore the importance of walking on the beaches, streams, wetlands, roads, streets, lanes, alleys and avenues of coastal towns, understanding the landscapes and discussing with the students the itinerary routes in their day to day as, for example, the route home from to school, and school to home: home to creek and creek to home; or house to the beach and beach to home, among other routes, with predetermined and previously mapped paths. In order to achieve this, the environment study was the methodology in which we discuss the tracks as a teaching resource in the light of their importance for the study of geographical space from the living space, and the understanding of environmental reality outside the classroom, which excites the curiosity to ask the reasons of the studied facts, besides stimulating the relationship between theory and practice in a permanent dialectical process, emphasizing the landscape elements as instruments and exploring the data obtained in the field through the graphical, photographic, cartographic and textual languages. With the achieved results, it is intended to systematize those languages and use them in the classroom during the school year, in order to enhance the cultural identity of the student associated with the place, through the perception of landscape elements, identified in the continent/ocean interface.

KEYWORDS: Teaching resource. Trails. Languages. Education. Geography.

RESUMEN: El presente artículo refleja sobre la práctica de enseñanza y el uso de una senda, denominada Jornada Geográfica Litoral, como recurso vuelto a la enseñanza-aprendizaje de Geografía. El objetivo general rescatar la importancia caminar por las palayas, arroyos y manglares, caminos, calles, callejón, calleja y avenidas de las ciudades del litoral, buscando los paisajes y discutiendo con los alumnos los itinerarios hechos diariamente como por ejemplo, el recorrido casa- escuela-casa, casa arroyo-casa o aún casa-playa-casa, entre otros recorridos, como trayectos pre determinados y cartografiados anteriormente. Por lo tanto, se utiliza como metodología estudio del medio donde se busca discutir las sendas como recurso didáctico en función de la importancia de estas para el estudio del espacio geográfico, a partir del espacio vivido, y para la comprensión de la realidad del ambiente fuera del espacio del aula, lo que estimula la curiosidad en investigar los porqués de los hechos estudiados, además de estimular la articulación entre teoría y práctica en un proceso dialéctico permanente, enfatizando los elementos del paisaje como procedimientos metodológicos y explotando los datos obtenidos en el campo a través de los lenguajes gráficos, fotográfico, cartográfica y textual. Com los resultados alcanzado se pretende sistematizar. Se busca, por fin, sistematizar esos lenguajes y utilizarla en el aula en las clases durante todo el año, con la intención de valorar la identidad cultural de los alumnos asociado a su lugar de origen a través de la percepción de los elementos del paisaje, natural y humanizada identificados en la interface continente/océano.

PALABRAS CLAVE: Recurso didáctico. Sendas. Lenguajes. Enseñanza, Geografía.

1 | INTRODUÇÃO

O mar sempre foi uma fonte de inspiração e o meio de ganhar a vida para os moradores do litoral brasileiro e, em particular, o maranhense. Perceber os movimentos das ondas, observar as enchentes e as vazantes das marés, acompanhar os movimentos de ir e vir de canoas, barcos de pesca, lanchas e outras embarcações, a movimentação das pessoas na beira-mar, entre outras dinâmicas, faz parte do dia a dia dessas populações que habitam o litoral e usufruem do espaço marítimo para a prática do lazer e, principalmente, para o trabalho, pois se constitui como o principal meio para a sua sobrevivência.

A geografia do litoral maranhense, que se constitui como o segundo maior litoral brasileiro, é caracterizada por uma diversidade de ecossistemas e habitat, onde se destacam vastas extensões de mangues, grande amplitude de marés, presença de dunas, apicuns, costas de rias, ilhas, baías, igarapés, golfos, praias arenosas, com destaque para os Lençóis Maranhenses, na porção leste do litoral.

Para o estudo de uma trilha denominada Jornada Geográfica Litorânea partiu-se do pressuposto de que os saberes geográficos dos filhos dos pescadores são resultantes dos diálogos estabelecidos entre pais e filhos no cotidiano da atividade pesqueira. Quanto aos referenciais geográficos que fazem parte do rol de conteúdos da escola municipal José Ribamar Moraes Silva, optou-se por estudar os relacionados à orientação, dinâmica das marés e ventos, por entender que esses parâmetros são fundamentais para o diálogo que ora estabelecemos entre a escola e a comunidade pesquisada.

O estudo é resultado de trabalhos de campo realizados nas praias, igarapés, mangues, caminhos, ruas, vielas, becos e avenidas da cidade de São José de Ribamar/MA, com alunos do 6º ano da Escola Municipal Ribamar Moraes Silva. Decorre também de nossas reflexões sobre a metodologia utilizada para aprender e ensinar Geografia no ensino básico. Convém ressaltar que este estudo, constitui-se, ainda, como parte de um dos capítulos de nossa tese de doutorado.

2 | O LÓCUS DA JORNADA

O município de São José de Ribamar está situado no Golfão Maranhense, na porção oriental da Ilha do Maranhão, faz parte da Microrregião denominada Aglomeração Urbana de São Luís, com sede localizada geograficamente a 44°03'15" ao oeste de Greenwich e a 2°33'43" ao sul do Equador.

Com população de 163.045 habitantes, distribuídos entre (51,74%) do sexo feminino e (48,26%) do sexo masculino e com área de 388,369 km², o município apresenta uma densidade de 420,21 hab/km² com média de 3,83 moradores por domicílio. É classificado como o centésimo vigésimo primeiro município dentre os 217 municípios maranhenses em extensão territorial e o terceiro maior em número de habitantes no Estado. (IBGE/2010)

A base econômica municipal está centrada no setor primário, destacando-se as atividades de agropecuária de subsistência e a pesca artesanal, as quais estão presentes desde sua fundação. A tendência para esse ramo de atividade ainda resiste ao tempo, fato que ficou comprovado mediante pesquisa realizada para elaboração de dissertação, Fonsêca (2004), com as famílias dos sujeitos investigados. No decorrer da pesquisa constatou-se que a maioria dos pais dos alunos da rede pública municipal tem na atividade pesqueira sua principal fonte de renda.

As atividades pesqueiras envolvem a captura, produção e venda do pescado, comércio de produtos e equipamentos para pesca, além de outras atividades, tais como, fábricas de gelo, carregadores e estivadores. Há que se considerar, também, que os filhos de pescadores adquirem saberes geográficos a partir do convívio diário com as atividades de seus pais, o que lhes permite

instaurar diálogo entre esses saberes e os conteúdos geográficos que são sistematizados nas escolas municipais onde estudam.

O educando também se faz pescador quando nas férias ajuda o pai a pescar, ou quando, na falta de um membro da tripulação, realiza as tarefas do trabalhador ausente. Esse processo, às vezes, se repete com certa frequência, o que leva o aluno, às vezes, a abandonar a escola e se dedicar diariamente ao trabalho da pescaria.

A arte de pescar é aprendida muito cedo. Em entrevista com o Sr. Ivan dos Anjos, pai de um aluno da escola onde a pesquisa foi realizada, obteve-se esta declaração: “comecei a pescar muito novinho, com 10 anos eu já tava pescando, bem cedinho lá no interior com o meu pai, ele viajava, ele era mestre de uma canoa e deixava minha mãe em casa, minha mãe ficava sozinha e a gente saía muito para pescar” (informação verbal)¹. Esse depoimento vem reforçar a tese de que a pescaria é aprendida muito cedo e muito cedo também as crianças assumem responsabilidades com a casa paterna.

3 | MEDIAÇÃO DE APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA

O ensino da geografia tem buscado continuamente, ao longo dos anos, através de docentes e pesquisadores, o desenvolvimento de métodos e técnicas capazes de subsidiar e compreender melhor a espacialização de fenômenos naturais e humanizados que são representados nos mapas e cartas, entre outros documentos. No entanto, percebe-se a ocorrência de certo descompasso entre os conteúdos geocartográficos que são ministrados pela geografia e os conteúdos que efetivamente são utilizados diariamente pelo educando, principalmente no ensino básico, segmento em que o processo é mais visível.

A escola tem entre outras tarefas, a de proporcionar aos educandos ensino de qualidade por meio dos conteúdos que são ministrados nas mais diversas disciplinas que fazem parte do currículo escolar, e em especial o ensino de Geografia. Devem ser oferecidas condições necessárias para que os alunos possam estabelecer relações entre o que é ensinado na escola, através dos processos sistematizados nas aulas, e o que acontece no lugar em que vivem, especialmente os conteúdos que dizem respeito às tarefas realizadas diariamente pela comunidade.

O estudo do meio, como método de ensino para o estudo da paisagem, Tomita (1999, p.14), sugere que o aluno seja levado “diretamente ao campo, tomando como ponto de partida o conhecimento prévio, alimentado pela teoria e reforçado com a observação direta da realidade”. Posicionamento que se coaduna com o de Alentejano; Rocha-Leão (2006, p. 57), quando defendem que o “trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos”, pois é no contato direto com o campo e através da leitura dos elementos da paisagem litorânea que se constitui a mediação entre os conceitos que são vistos na sala de aula e o que é presenciado in loco.

No entendimento de Pontuschka; Lopes (2010, p. 9), o estudo do meio se constitui em uma prática pedagógica que

se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos.

¹ Informação fornecida por Ivan dos Anjos em São José de Ribamar/MA, em 2010.

Essa compreensão pedagógica que dialoga com a comunidade escolar e o seu entorno traz à tona a importância do diálogo com a realidade local, numa perspectiva de integração com a sociedade, mesmo reconhecendo a complexidade do diálogo na produção de novos conhecimentos.

O momento se constitui em uma oportunidade que professores e alunos dispõem para uma conversa mais aproximada. Rodrigues; Otaviano (2001, p. 37), nos remetem ao aproveitamento desse momento único, lembrando que

o professor pode aproveitar para ser mais observador mais ouvinte do comportamento dos seus alunos, um verdadeiro orientador e companheiro [...] acabando então, com qualquer indício de comando na dinâmica de grupo.

A saída para uma aula de geografia do lado de fora da escola não é o bastante como metodologia, pois segundo Pontuschka; Lopes (2010, p.31),

a ideia de ir ao campo, apenas como “necessidade de sair da sala de aula” pode, seguramente, esvaziar as potencialidades educativas dessa atividade como método de ensino e, subestimar, obviamente, os momentos de aprendizagem, realizados na sala de aula.

Para tanto, colocam-se outras questões que são pertinentes ao tema: Por onde trilhar com segurança? Quais os equipamentos individuais a transportar e como devem ser utilizados? O que discutir com os alunos no decorrer da jornada? Como verificar os resultados?

Começamos pela primeira pergunta. Indagamos junto aos alunos se conheciam as ruas próximas à escola e às margens do igarapé do Vieira. Eles teceram vários comentários a respeito dos lugares e, com esses depoimentos, definimos as trilhas para a jornada geográfica, em comum acordo com a professora da disciplina.

Sobre a escolha dos lugares, segundo Pontuschka; Lopes (2010, p.21):

A rigor, não existem ‘lugares privilegiados’ e não há também ‘lugares pobres’ para a realização dos Estudos do Meio. Em cada caso, o grande desafio que se apresenta aos seus realizadores é o processo de saber ‘ver’ saber ‘dialogar’ com a paisagem [...] como desejávamos garantir certo grau de objetividade optamos por um itinerário que contemplasse por um lado os aspectos da paisagem social e por outro, elementos da paisagem natural.

O mapa (figura 1) elaborado com essa finalidade, foi empregado para situar os bairros, identificar nomes de portos, praias, igarapé, ruas, travessas e avenidas, reconhecimento dos cruzamentos entre elas, leitura e localização espacial de mercearias, bares, igrejas, escolas, oficinas, fábrica de gelo, estaleiros, praças entre outros elementos da paisagem social. O mapa também foi usado para leitura de referências geográficas com base nas direções cardeais dos portos, mangues e igarapé, assim como no acompanhamento da trilha, identificando e localizando lugares e feições da paisagem natural.



Figura 1: Trilha da Jornada Geográfica Litorânea
 Fonte: IBGE/2009. Adaptação: Fonsêca, 2012

Para Pontuschka (2007, p.262),

o trabalho com a representação gráfica e cartográfica do espaço, também durante o estudo in loco, vai ter continuidade e aprofundamento em sala de aula, o que auxiliará na ampliação e no conhecimento de outras realidades espaciais.

Observa-se, no entanto, que o material cartográfico produzido com essa finalidade servirá como objeto de estudo em sala de aula em conteúdos específicos, de acordo com o currículo proposto.

Como metodologia para ensinar e aprender geografia, foram utilizadas também fotografias. As fotos foram tiradas individualmente sem a definição de quantidade e sem a preocupação com enquadramentos específicos, ou seja, o processo foi aleatório. Nesse sentido, a ideia era deixar todos os alunos à vontade para que os mesmos pudessem usufruir da câmera da melhor maneira possível, registrando os elementos da paisagem que mais despertasse a atenção e que retratasse as relações espaciais presentes no dia a dia da comunidade litorânea durante a jornada, sem as amarras do ajuste fotográfico profissional.

Ressalta-se que, para o uso e manuseio das câmeras, os alunos receberam um pequeno treinamento antes de iniciar as tarefas, que constou de: ligar e desligar a câmera, o flash, a identificação do botão disparador para registrar a imagem acionar o modo visualizador, para ver o registro de suas fotos no arquivo da câmera. Mesmo não sendo treinados para a execução de vídeos alguns alunos chegaram a realizar essa tarefa, o que demonstra o nível de conhecimento do uso de tecnologias que estão disponíveis no comércio da informática.

Os rastreamentos dos elementos contidos nas fotos tiveram como princípio a escolha de (4) quatro fotos entre as centenas de registros fotográficos efetuados pelos alunos, durante a Jornada Geográfica Litorânea. Após essa seleção, procedeu-se à quantificação da frequência dos elementos culturais, naturais e humanos presentes no cenário fotografado.

Na análise de Lowenthal,

cada imagem e ideia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Os lugares em que vivemos, aqueles que visitamos e percorremos, os mundos sobre os quais lemos e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e de cada fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza e do homem. (LOWENTHAL, 1982, p. 141)

Segundo Camargo (1999, p.152),

a fotografia tem uma vantagem em relação a outras áreas de ensino, é muito estimulante. Dificilmente encontraremos pessoas que não tenham nenhum interesse por ela. Crianças e adolescentes, em especial, ficam muito estimulados quando vão trabalhar nesta área.

Foi esse o interesse dos alunos quando a fotografia foi a escolha para a apresentação do seminário, o estímulo em fotografar o ambiente trilhado e as questões norteadoras discutidas durante a jornada foram fundamentais para a compreensão dos objetivos previstos no planejamento da aula de campo.

Para Collier Jr.(1973, p.7), “[...] as fotografias são registros preciosos da realidade material”. Entendemos que há outras geografias presentes na vida dos alunos e que precisam ser registradas e fotografadas além das geografias escolares e acadêmicas.

Outro elemento da paisagem discutido durante a caminhada foi o fato de algumas residências estarem com seus quintais voltados para o mangue, e que em alguns casos servem de ancoradouros para as embarcações de pescadores que residem no local, constituindo-se numa espécie de “garagem marítima”.

Também fizeram parte das discussões com os alunos, durante a jornada, os conteúdos que versam sobre orientação geográfica, movimentos das marés, dinâmica dos ventos e construção de embarcações. Segundo Malysz (2007, p.174), “[...] para ensinar e aprender Geografia é importante estar sempre trabalhando com espaço concreto, com a prática, para melhor assimilação do conteúdo e da realidade vivida”.

Como o ambiente da pesquisa foi o campo, consideramos pertinente o uso do relatório da Jornada Geográfica Litorânea como um dos critérios de exame na avaliação do trabalho. Neste sentido, analisam-se os relatórios com base na descrição das trilhas, pois segundo Venturi (2011, p. 486), o documento apresenta “[...] um caráter descritivo-narrativo e cumpre o papel de fornecer informações de forma sistematizada para basear interpretações”, na visão da autora o “[...] relatório não se constitui em uma pesquisa científica, mas pode fazer parte dela, fornecendo-lhes informações”.

Os relatórios de campo foram elaborados pelos alunos individualmente, evidenciando a satisfação do educando enquanto experiência e percepção do ambiente trilhado.

Gostei no dia que fui, adorei, fui ao porto do Vieira, tirei fotos de pessoas lindas e maravilhosas, nunca tinha ido numa construção de barco, foi à primeira vez; (Leandra, 11 anos)

Bom no começo foi legal e no fim foi mais ou menos, mais o passeio geográfico foi tão legal porque eu tive oportunidade de conhecer coisas novas mais eu gostei tanto que não queria sair de lá. (Luana, 12 anos)

Nas falas das alunas fica clara a satisfação em sair da escola com o objetivo de trilhar pelas ruas, caminhos, portos, entre outros lugares em busca do desconhecido. Em segundo lugar, destaca-se a percepção sobre os lugares visitados, e por último a oportunidade de conhecer lugares

“novos”. Para Venturi (2011, p. 21) “o campo também ajuda a socializar os geógrafos e os alunos, enriquecendo a vivência acadêmica e escolar, tornando o aprendizado da Geografia muito mais atraente e a pesquisa geográfica cientificamente mais legítima”.

Portanto, considera-se os aspectos descritos nos relatórios dos educandos como importantes para a avaliação do desempenho, analisa-se a satisfação dos alunos em sair da sala de aula em busca de trilhas que aguçam a curiosidade e que cria expectativa. A percepção sobre os lugares trilhados descortina a satisfação pela descoberta, pois é a oportunidade do contato com a realidade local. O conhecimento de lugares “novos” conduz o aluno à investigação do real e o motiva a desafios de conhecer sua realidade, além de ser um recurso relacionado com atividades pedagógicas, na intenção de produzir novos conhecimentos.

O seminário como elemento de avaliação da Jornada Geográfica Litorânea constou da preparação dos alunos, escolha dos registros fotográficos 4 (quatro) fotos, sequência das apresentações, exposição em tela através de datashow e relato da experiência das memórias do trabalho de campo.

O seminário é uma técnica de ensino muito utilizada na graduação e na pós-graduação, mas, pouco utilizada no ensino básico, aplicada em trabalhos de grupos permite uma ampla discussão do tema abordado,

nos grupos formados com objetivos educacionais, a interação deverá estar sempre provocando uma influência recíproca entre os participantes do processo de ensino, o que permite afirmar que os alunos não aprenderão apenas com o professor, mas também através de troca de conhecimento, sentimento e emoções dos outros alunos. (VEIGA, 1991, p. 105)

Nas palavras de Graciane aluna do 6º ano que participou do projeto “[...] conheci a fábrica de gelo, como o gelo é feito, eu aprendi muita coisa que eu nunca vi na minha vida [...]”. Esse depoimento, durante a apresentação do seminário, somente vem reafirmar que, quando se dá oportunidade para que os alunos possam expressar suas ideias, eles deixam de ser agentes passivos e passam a ser ativos, contribuindo assim, para a democratização na sala de aula.

Assim, o seminário proporciona aos educandos uma excelente oportunidade de exposição oral, além de estimular a troca de saberes, socializa e divulga o conhecimento e permite que a temática abordada seja mais dinâmica, contribuindo, portanto, para a melhoria do ensino e aprendizagem da geografia do lugar.

Os objetivos das discussões durante as Jornadas Geográficas Litorâneas foram relacionadas com os conteúdos selecionados para o primeiro trimestre do ano letivo de 2012, que incluíram o “Lugar, paisagem, espaço geográfico” e “Orientação e localização na Terra”, no sentido de:

- a) materializar o trabalho de campo como método de ensinar e aprender geografia;
- b) aguçar a capacidade de observação dos alunos com relação as diferentes feições das paisagens tais como: ruas, mangues, maré, igarapé, porto entre outras;
- c) recolher informações específicas do lugar, (interface continente/oceano) a fim de compará-los com outros lugares;
- d) promover experiências dos alunos através do registro fotográfico, no uso como recurso didático em sala de aula;
- e) socializar os “saberes” dos diferentes sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (docentes e discentes).

Assim, o processo de ensinar e aprender geografia se consolida através da conversação estabelecida com os atores, na visão de Pontuschka; Paganelli; Cacete (2007, p.181), “[...] esse é o momento do diálogo: com o espaço, com a história, com as pessoas, com os colegas e seus saberes e com tantos outros elementos enriquecedores de nossa prática e de nossa teoria”.

Assim sendo, a mudança de postura do professor frente às metodologias utilizadas no dia a dia devem ser revistas e discutidas no âmbito da escola, além da própria postura do docente em função das técnicas pedagógicas incorporadas a partir dessa transformação.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de uma Jornada Geográfica Litorânea nas trilhas pré-estabelecidas como estudo do meio, a partir da leitura da paisagem, se constitui em uma opção a mais como instrumento de ensino e aprendizagem em Geografia, como possibilidade de se compreender a dinâmica do espaço geográfico.

O ponto de partida para a execução do trabalho deverá ter como base de estudo os lugares conhecidos dos alunos, uma vez que, a realidade que os envolvem é peculiar e o espaço se constitui em um ambiente notório, pois é o lugar onde passam a maior parte de seu tempo. É preciso despertar no educando a autoestima e o interesse pelo saber geográfico do seu cotidiano, a falta de informação sobre alguns lugares trilhados, como, por exemplo, os estaleiros, a fábrica de gelo e os portos, no entanto se, por um lado, falta informação do discente, por outro, o professor também desconhece o cotidiano do seu aluno, o que dificulta a sistematização de conteúdos que dizem respeito à inter-relação entre os espaços global, nacional, regional e local.

Os diversos olhares dos educandos durante a realização das Jornadas descortinaram lugares que ainda não são visíveis no currículo da escola, no entanto plenos de significado para os alunos. Conhecer a realidade dos litorâneos e de seus filhos é participar de seu cotidiano, é entender sua cultura, é estar junto, é conhecer as necessidades básicas da comunidade, é se envolver com o grupo objeto do estudo, é um contexto em que pesquisador e pesquisados são sujeitos do mesmo trabalho, da mesma ação, ainda que com tarefas diferentes na rotina do trabalho.

Referências

- ALENTEJANO, Paulo R. R.; ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? *Boletim Paulista de Geografia*. n. 84, p. 51-67, jul. 2006.
- CAMARGO, Isaac Antônio. *Reflexões sobre o pensamento fotográfico*. Londrina: UEL, 1999.
- COLLIER JR, John. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU, 1973.
- FONSÊCA, Alexandre Vítor de Lima. *Orientação Geográfica: uma proposta metodológica para o ensino da geografia na 5ª série*. 2004, 145 f. (Dissertação de Mestrado, UFRN), Centro de Ciências Humanas e Letras. Natal, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro, 2010.
- LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- MALYSZ, Sandra T. Estudo do meio. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, José William. (Org.). *O Ensino de Geografia no Século XXI*. São Paulo; 3 ed. Papyrus, 2007.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib.; PAGANELLI, Tomoko Iyda.; CACETE, Núria Hanglei. *Para Ensinar e Aprender Geografia*. São Pulo: 1.ed. Cortez, 2007.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib.; LOPES, Claudivan Sanches. *Estudo do Meio: fundamentos e estratégias*. Maringá: Coleção Fundamentum, 2010.
- RODRIGUES, Antonia Brito.; OTAVIANO, Claudia Arcanjo. Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia. *Revista Geografia*. Londrina, v. 10, n. 1, p. 35-43, jan/jun. 2001.
- TOMITA, Luzia M. Saito. Trabalho de Campo como Instrumento de Ensino em Geografia. *Revista Geografia*. Londrina, v. 8, n. 1, p. 13-15, jan/jun. 1999.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro, O seminário como técnica de ensino socializado. *Técnicas de ensino: Por que não?* São Paulo: Papyrus, 1991.
- VENTURI, Maria Alice. A redação do trabalho de campo. VENTURI, Luís Antônio Bittar (Org.). *Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula*. São Paulo: Saran, 2016.